Nº 383
Igreja e Apostolado Positivista do Brasil
(Publicação do ano 127 – 1915)

O Amor por princípio, e a Ordem por base,
o Progresso por fim

Viver para outrem. *Viver às claras.*

O Positivismo e a questão social.

A PROPÓSITO DA PROPAGANDA ANARQUISTA.

por

R. TEIXEIRA MENDES

RIO DE JANEIRO
NA SEDE CENTRAL DA IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL
Templo da Humanidade
74, Rua Benjamin Constant, 74
28 DE JANEIRO DE 1915
Ano CXXVII da Revolução Francesa e LXI da Era Normal

Carta explicativa

(Vista do Altar-mor do Templo da Humanidade, no Rio de Janeiro.)

APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL
TEMPLO DA HUMANIDADE

O Amor por princípio, e a Ordem por base,
o Progresso por fim.

Ordem e Progresso. Viver para outrem. Viver às claras.

Rio de Janeiro, 21 de Moisés de 61/127
21 de janeiro de 1915

Cidadão Francisco Viotti
Redator do periódico "*A Vida*"
Rio de Janeiro.
Rua da Uruguaiana nº 114 (sob.),

Prezado concidadão e irmão na Humanidade,

No mercuridia, 6 de Moisés corrente (6 de janeiro corrente), encontramos, no Templo da Humanidade, o segundo número de vosso periódico *A Vida*, onde vem reproduzida a carta que vos dirigimos a 4 de Bichat do ano passado próximo (6 e dezembro de 1914), acompanhada das objeções que lhe foram opostas. Agradecendo o vosso benévolo acolhimento, julgamos nosso dever de fraternidade apresentar-vos algumas reflexões destinadas a remover as vossas objeções. Considerando, porém, que o meio mais prático de atingir semelhante objetivo seria uma conversa cordial, decidimos ir procurar-vos na sede da redação do vosso periódico. Dirigimo-nos, pois, no dia seguinte, (jovedia 7 de janeiro corrente), à rua da Uruguaiana, nº 114, sobrado, sendo aí amavelmente recebida pelo Sr. Miranda Santos, que aceitou uma longa conversa na qual expusemos as observações que contávamos oferecer-vos sobre todas as vossas objeções. Ponderamos, na mesma ocasião, que a nossa conversa dispensava-nos de voltar detalhadamente ao assunto, mas que tencionávamos dirigir-vos uma carta sobre alguns pontos, especialmente o capital, relativo à confusão do egoísmo com altruísmo. No domingo, 10 de Moisés (10 de janeiro corrente), recebemos o benévolo cartão do senhor Astrojildo Pereira em vosso nome, agradecendo a nossa visita e pedindo-nos que, para a publicação de nossas observações no vosso periódico, as remetêssemos no mais breve prazo possível.

Aceitai a segurança da nossa gratidão social e pessoal por mais essa manifestação simpática que permitiria estender aos vossos leitores, no original e, portanto, do modo mais conveniente, as considerações que vos oferecemos. Mas a extensão que adquiriu a nossa resposta não consente que tomemos com ela as colunas do vosso periódico. Resolvemos por isso publicá-la em avulso e vo-la enviar depois da impressa. Para que

chegue ao conhecimento de vossos leitores, bastará que a assinaleis então à atenção deles e a ajunteis ao número correspondente do vosso periódico. Nesse intuito, vos pedimos que aceiteis exemplares em número igual ao da vossa edição. Respondendo ao senhor Astrojildo Pereira, a 15 de Moisés corrente (15 de janeiro corrente), já lhe pedimos que aceitasse esses exemplares e nos indicasse, quando pudesse, quantos seriam precisos.[1]

Quanto ao que dizeis, especialmente, a propósito da greve dos operários empregados nas oficinas do nosso confrade Trajano de Medeiros, cremos que só nos resta chamar a vossa atenção para as publicações do nosso confrade Otávio Barbosa Carneiro, a tal respeito, na secção ineditorial do *Jornal do Commercio*. Já enviamos ao senhor Miranda Santos os retalhos contendo esses artigos.

Terminando, cumpre-nos lembrar, mais uma vez, que não passamos de um simples apóstolo da Religião da Humanidade, empiricamente surgido; pelo que, sinceramente, lamentaríamos contribuir de qualquer forma para usurpar a atenção dos que nos conhecerem.

Aproveitamos o ensejo para oferecer-vos os inclusos avulsos, contendo 2 cartas ao redator de uma revista do Rio, em começo de 1904, e a notícia das duas cartas que pelo mesmo tempo dirigimos a Monsieur Piotr Kropotkin. Essas cartas respondem implicitamente a algumas das objeções feitas no vosso periódico[2].

Todo vosso, no Amor, na fé e no serviço da Humanidade.

R Teixeira Mendes.

Templo da Humanidade.
Rua Benjamin Constant. 74.

---

[1] Agradecemos ao Sr. Astrojildo Pereira a benévola aceitação desse alvitre, em sua carta de 22 de janeiro corrente, que hoje recebemos. Nota a 23 de Moisés de 127 (23 de janeiro de 1915). RTM.

[2] Vide o boletim do Apostolado Positivista do Brasil, nº 31 P. de 30 de Abril de 1904, e a publicação nº 382. *A propósito da propaganda anarquista*.

O Positivismo e a questão social.

A PROPÓSITO DA PROPAGANDA ANARQUISTA.

Considerando as objeções que nos foram opostas, no segundo número do periódico *A Vida*, principiaremos por aquela que resume todas as nossas divergências e assinala os maiores obstáculos *doutrinários* levantados na regeneração humana, a saber, a *negação dos instintos altruístas* ou sociais na organização moral do homem e dos animais superiores. Atribuindo aos *pendores egoístas* ou pessoais as manifestações quaisquer da *sociabilidade*. O grave alcance de *semelhante negação* - sob todos os aspectos - não poderia ficar mais bem caracterizado do que citando o seguinte juízo de Augusto Comte:

> "A inateidade dos pendores benévolos e o movimento da terra constituem os *principais resultados da ciência moderna*, como pondo as *duas bases essenciais*, uma subjetiva, outra objetiva, da verdadeira *relatividade*. Ambas, após haverem preparado o positivismo, aguardavam o seu advento para reagir convenientemente sobre o conjunto da existência humana. *Entrevistas*, cada uma à sua maneira, *desde os nossos primeiros passos*, essas duas noções não podiam passar surgir antes do esgotamento do monoteísmo." (*Política Positiva*. Tomo IV, p. 20.)

***

Felizmente, seja qual for a influência das opiniões na nossa existência individual e coletiva, é a dos *sentimentos* que cabe *realmente* a primazia. De sorte que somos efetivamente governados sobretudo pelos sentimentos que nos animam, e não pelas opiniões que temos sobre eles. Nossas opiniões constituem, todavia, um dos principais elementos, da mesma sorte que as nossas ações, para revelar os sentimentos que prevalecem em cada caso. Eis porque todos os entes humanos, vivendo sempre em *sociedade* - nas famílias, nas pátrias e na humanidade -, e a sociedade desenvolvendo-se incessantemente, devemos apelar, com inteira confiança, e cada vez mais, para os pendores altruístas. Os que estão preocupados com a *regeneração social*, mediante a incorporação do proletariado na sociedade moderna, sejam quais forem as suas doutrinas, oferecem, só por isso, a melhor base para as esperanças positivistas. Acreditamos, portanto, que as seguintes reflexões são suscetíveis de induzir os anarquistas que as lerem a aceitarem os ensinos do nosso Mestre, ou imediatamente, ou após um estudo completo e direto do *Catecismo Positivista* e do *Apelo aos Conservadores*, que são os opúsculos em que ele mesmo condensou tais ensinos. Se assim não acontecer agora, cumprir-nos-á prosseguir no nosso apostolado geral, aguardando fraternalmente que um ensejo melhor consiga convencer aos que nos lerem.

***

Continuaremos transcrevendo os seguintes extratos das diversas obras do nosso Mestre:

"Dois princípios filosóficos, que não carecem mais de nenhuma discussão, servem de base inconcussa ao conjunto da doutrina de Gall, a saber: A inateidade das diversas disposições fundamentais, quer afetivas, quer intelectuais; a pluralidade das faculdades essencialmente distintas e radicalmente independentes umas das outras, conquanto os efetivos atos efetivos exijam, de ordinário, o concurso mais ou menos complexo delas. Sem sair da espécie humana, todos os casos de talentos ou de caracteres pronunciados, tanto para o bem como para o mal, provam, com irresistível evidência, a realidade do primeiro princípio; a própria diversidade desses casos bem assinalados, a maioria dos estados patológicos, sobretudo daqueles nos quais o sistema nervoso é diretamente afetado, demonstram, de uma maneira não menos irrecusável, aprofunda justeza do segundo princípio. A observação comparativa das principais naturezas animais não deixaria, aliás, sob ambos os aspectos, dúvida alguma a tal respeito, se qualquer hesitação pudesse existir ainda. Enfim, esses dois princípios, faces evidentemente correlativas e mutuamente solidárias de uma mesma concepção fundamental, não constituem, na realidade, senão a formulação científica dos resultados gerais da experiência universal sobre a verdadeira constituição intelectual e moral do homem, em todos os tempos e em todos os lugares; sintoma indispensável da verdade a respeito de todas as ideias mais, que devem sempre ser primitivamente ligadas às indicações espontâneas da razão pública, como o mostrei muitas vezes quanto às principais noções da filosofia natural. Assim, além da poderosa analogia tirada do exame prévio das faculdades elementares da vida animal propriamente dita, vê-se que os diversos meios gerais de exploração que convém às pesquisas fisiológicas, a saber, a observação direta, a experimentação, a análise patológica, o método comparativo, vêm todos convergir exatamente para esse duplo princípio, confirmado aliás pela sanção implícita do bom senso vulgar, cuja competência é irrecusável a respeito de fenômenos continuamente submetidos, pela sua natureza, à sua atenta investigação. Tal conjunto de provas assegura, necessariamente, a essa grande noção primordial, uma indestrutível consistência, plenamente ao abrigo de todas as transformações mais ou menos profundas que deverá sofrer ulteriormente a doutrina frenológica". (*Sistema de Filosofia Positiva*, edição de nosso Mestre, tomo III, págs. 795-6).

***

"No que concerne ao indivíduo, podemos previamente afastar aqui, como tendo se tornado hoje, felizmente supérflua para todos os espíritos esclarecidos, qualquer demonstração formal da sociabilidade fundamental do homem. A teoria cerebral do ilustre Gall terá sobretudo prestado, sob esse aspecto, um imenso serviço filosófico, dissipando para sempre, pelos únicos meios agora capazes de produzir uma convicção real e duradoura, as aberrações metafísicas do último século sobre este assunto capital, já empiricamente assinaladas mediante a exploração especial e direta do estado selvagem. Esta teoria não estabeleceu somente cientificamente a irresistível tendência social da natureza humana; ela destruiu mesmo as falsas apreciações que tinham sistematicamente conduzido a

desconhecê-la; e as quais (apreciações) consistiam principalmente, por um lado, em atribuir às combinações intelectuais uma quimérica preponderância na conduta geral da vida humana, enquanto que, por outro lado, exagerava-se, no grau mais absurdo, A influência absoluta das necessidades sobre a pretendida criação das faculdades. Além dessa preciosa análise biológica, uma simples consideração de filosofia sociológica que eu creio útil de indicar aqui, bastaria para pôr diretamente em evidência a alta irracionalidade necessária da estranha doutrina que faz unicamente derivar o estado social da utilidade fundamental que o homem tira de tal estado para a satisfação mais perfeita das suas diversas precisões individuais. Porque essa incontestável utilidade, seja qual for a influência que se lhe suponha, não pode realmente manifestar-se senão depois de um longo desenvolvimento preliminar da sociedade cuja criação se lhe atribui. Tal círculo vicioso parecerá tanto mais decisivo quanto mais se refletir nos verdadeiros caracteres da primeira infância da Humanidade, onde as vantagens individuais da associação são eminentemente duvidosas, se mesmo não se pode dizer, em muitos casos, que ela aumenta muito menos os recursos do que os encargos, como se vê ainda demasiado nas últimas classes das sociedades mais adiantadas. É, pois, plenamente evidente que o estado social jamais teria existido se não pudesse ter resultado senão de uma convicção qualquer da sua utilidade individual. Pois que essa convicção? Bem longe de poder preceder o estabelecimento de tal modo de existência, por mais habilidade que se supusesse, mesmo naqueles a quem se atribui este quimérico cálculo, não pode, pelo contrário, começar a desenvolver-se gradualmente senão em virtude da realização já muito adiantada da evolução social. Esse sentimento está ainda assaz fracamente enraizado, para que, em nossos dias audaciosos sofistas tenham podido, sem ser reputados alienados, tentar diretamente, abalá-lo, negando dogmaticamente semelhante utilidade por um deplorável abuso da liberdade necessariamente resultante da nossa anarquia intelectual. A sociabilidade essencialmente espontânea da espécie humana, em virtude de um pendor instintivo para a vida comum independentemente de qualquer cálculo pessoal, e frequentes vezes malgrado os interesses individuais mais enérgicos, não pode, pois, ser doravante nenhumamente contestada, em princípio, por aqueles mesmos que não tomarem em suficiente consideração as luzes indispensáveis fornecidas agora, a este respeito, pela sã teoria biológica da nossa natureza intelectual e moral". (*Ibidem*. Tomo IV. Págs. 539-541).

***

"...Estamos felizmente dispensados hoje de discutir metodicamente as aberrações e os sofismas metafísicos que, no último século, esforçavam-se para reduzir dogmaticamente ao puro egoísmo o sistema da nossa natureza moral, menosprezando radicalmente essa admirável espontaneidade que nos faz irresistivelmente compadecer com as dores quaisquer de todos os entes sensíveis, e sobretudo, dos nossos semelhantes, bem como participar involuntariamente das suas alegrias, *ao ponto de esquecermos, por vezes em favor deles, o cuidado contínuo da nossa própria conservação*. A escola escocesa tinha já utilmente

esboçado a refutação dessas perigosas extravagâncias: porém, a fisiologia cerebral fez-lhes sobretudo, em nossos dias, irrevogavelmente justiça, substituindo-lhes para sempre uma representação mais fiel da natureza humana". (*Ibidem*. Tomo IV, págs. 550-51).

***

"Considerada agora sob o aspecto moral, ela (a elaboração da doutrina metafísica no XVII século) nos oferece a primeira coordenação racional da famosa teoria do interesse pessoal, abusivamente atribuída ao século seguinte, e que constitui, pela sua natureza, o fundamento necessário da moral puramente metafísica. Já indiquei, no quadragésimo quinto capítulo, como o irracional espírito de *unidade absoluta* que caracteriza, *em relação a um assunto qualquer*, a filosofia metafísica[3], ainda mais do que a própria filosofia teológica, devia conduzir a esta inevitável aberração moral. De modo algum pessoal ao sutil escritor que tornou-se, no século XVIII, o audacioso propagandista desta doutrina de Hobbes, necessariamente comum, sob diversas formas, a quase todas as escolas metafísicas. Porque a irrecusável preponderância efetiva dos pendores pessoais no conjunto do nosso organismo moral, segundo as explicações da quinquagésima lição, arrasta naturalmente, a reduzir ao egoísmo só todos os diversos impulsos humanos, quando, a exemplo dos metafísicos, se impôs a si mesmo de antemão à condição anti-filosófica de estabelecer, por um sofístico arcabouço de confrontos viciosos, *uma vã unidade factícia* onde reina necessariamente uma grande multiplicidade real. (...) a teoria do egoísmo, bem que especulativamente peculiar, segundo essa explicação, à filosofia metafísica, emanou sobretudo da própria teologia, que, depois de a ter mais ou menos iludido em princípio, acabava, finalmente, na prática, por uma equivalente consagração, pela preponderância tão exorbitante quanto inevitável, que toda moral religiosa[4] concede necessariamente, como o notei a respeito do quietismo, a preocupação da salvação pessoal, cuja consideração, habitualmente exclusiva, deve naturalmente dispor *a desconhecer a existência real das afecções benévolas puramente desinteressadas, que só a filosofia positiva pode sistematizar diretamente*, segundo o estudo verdadeiramente racional do homem intelectual e moral. É assim que a metafísica, sem ser dominada pelas mesmas necessidades políticas, mas arrastada pela precisão filosófica de sua vã unidade ontológica, não fez realmente, a este respeito, senão mudar, por assim dizer, a

---

[3] Apesar de insolúveis dificuldades lógicas suscitadas pela obrigação contínua de conciliar o ascendente demasiado frequente do mau princípio com a absoluta supremacia do bom, deve-se todavia reconhecer que a teologia propriamente dita, mesmo no estado monoteico, oferecia, pela sua natureza, para representar, ao menos empiricamente, a verdadeira constituição moral do homem, recursos especiais, que não pôde depois possuir igualmente a pura metafísica dominada *pela vã unidade ontológica* da qual não é suscetível de libertar-se. Eis porque tal aberração moral deve ser, sobretudo, considerada como peculiar a essa última filosofia, ou pelo menos como um desses perigos fundamentais que uma sábia disciplina sacerdotal tinha podido conter suficientemente até então, e que deveram surgir ulteriormente, através da livre divagação das especulações metafísicas.

[4] *Religiosa* é aqui sinônimo de *teológica*. RTM.

destinação do egoísmo fundamental, substituindo os cálculos relativos aos interesses eternos por combinações unicamente relativas aos interesses temporais, *sem poder, igualmente elevar-se a concepção de uma moral que não repousa se exclusivamente sobre cálculos pessoais de qualquer espécie*. Por isso, o único perigo capital que, a este respeito, é inteiramente peculiar a essa metafísica negativa, consiste sobretudo em que, confirmando, e mais dogmaticamente ainda, essa grosseira apreciação da natureza humana, ela desorganizava radicalmente o indispensável antagonismo em virtude do qual a sabedoria sacerdotal tinha tido até então a faculdade de neutralizar, em certo grau, a sua extrema imperfeição, por uma feliz oposição prática dos interesses imaginários aos interesses reais. Mas, quanto ao princípio mesmo da moral dos interesses privados, não é duvidoso que a sua consagração empírica pertence primeiro, de toda necessidade, às doutrinas puramente religiosas[5], que impõe diretamente a cada crente um fito pessoal de tal importância que a sua consideração contínua deve inevitavelmente absorver qualquer outra afeição, cujo surto deve sempre ficar-lhe essencialmente subordinado, pelo menos, tanto quanto semelhante filosofia pode embaraçar o curso espontâneo dos nossos sentimentos naturais. Vê-se assim, em resumo, que essa imensa aberração moral, longe de constituir, como se acreditou, um simples acidente isolado no desenvolvimento geral da filosofia metafísica, caracterizou, pelo contrário, imediatamente, a sua formação normal, sob a influência prolongada das concepções teológicas, das quais as concepções metafísicas, apesar do antagonismo o mais aparente, não podem, no fundo, oferecer nunca a título algum, senão puras modificações dissolventes". (*Ibidem*. Tomo V, págs. 716-721).

***

"...Os sentimentos humanos, não sendo suficientemente desenvolvíveis sem um exercício direto e sustentado, a moral positiva, que prescreverá a prática habitual do bem advertido com franqueza que daí não pode resultar, muitas vezes outra recompensa certa senão uma inevitável satisfação interior, deverá afinal tornar-se muito mais favorável ao surto ativo das afeições benévolas, do que às doutrinas segundo as quais até o devotamento era sempre ligado a verdadeiros cálculos pessoais, cuja exclusiva preocupação comprimia com demasiada facilidade o insuficiente protesto dos nossos instintos generosos". (*Ibidem*. Tomo VI, págs. 555-56).

***

"Uma apreciação mais íntima e mais extensa, ao mesmo tempo prática e teórica, representa o espírito positivo como sendo, por sua natureza, o único suscetível de *desenvolver diretamente o sentimento social, primeira base necessária de toda a sua sã moral*. O antigo regime mental não podia estimulá-lo

[5] *Religiosas* aqui é sinônimo de *teológicas*. RTM.

senão com a ajuda de *penosos artifícios indiretos*, cujo sucesso real devia ser muitíssimo imperfeito, à vista da *tendência essencialmente pessoal* de tal filosofia, quando a sabedoria sacerdotal não continha a influência espontânea dessa filosofia. Essa necessidade está agora reconhecida, pelo menos empiricamente, *quanto ao espírito metafísico propriamente dito*, que jamais pode vir dar, em moral, a nenhuma outra teoria efetiva, *senão o desastroso sistema de egoísmo*, tão usado hoje, apesar de muitas declamações contrárias. (...) Mas examinando este assunto ainda mais profundamente, cumpre reconhecer que, a este respeito, como sob qualquer outro aspecto, a metafísica deriva, tanto dogmaticamente como historicamente, da própria teologia, da qual não podia jamais constituir senão uma modificação dissolvente. Com efeito, esse caráter de *personalidade constante* pertence sobretudo, com uma energia mais direta, ao pensamento teológico, sempre preocupado, em cada crente com interesses essencialmente individuais, cuja imensa preponderância absorve necessariamente qualquer outra consideração, *sem que o mais sublime devotamento possa inspirar a sua observação verdadeira, justamente encarada, então, como uma perigosa aberração*. Somente a oposição frequente desses interesses quiméricos com os interesses reais forneceu à sabedoria sacerdotal um poderoso meio de disciplina moral, que pôde amiúde ordenar, em proveito da sociedade, admiráveis sacrifícios, que todavia não eram tais, senão em aparência, e se reduziam sempre a uma prudente ponderação de interesses. *Os sentimentos benévolos e desinteressados que são próprios da natureza humana*, deveram, sem dúvida, manifestar-se através de tal regime (teológico), e mesmo, a certos respeitos, sob o impulso indireto dele; mas, embora o seu surto (dos pendores benévolos) não tenha podido ser assim comprimido, o seu caráter (dos instintos benévolos) deveu receber daí uma grave alteração, que provavelmente *não nos permite ainda conhecer plenamente a sua natureza e a sua intensidade* (dos instintos benévolos) por *falta de um exercício próprio e direto*." ("Discurso sobre o espírito positivo", in *Astronomia popular*, páginas 72-73).

***

No seu *Discurso sobre o conjunto do positivismo*, nosso Mestre consagrou a terceira parte ao exame da eficácia popular do Positivismo. Encontra-se aí a apreciação do comunismo, da qual extraímos os seguintes conceitos.

"Para fazer justiça ao comunismo, deve-se sobretudo apreciar os *nobres sentimentos que o caracterizam*, e não as vãs teorias que *lhes servem de órgãos provisórios*, em um meio onde eles (os nobres sentimentos) não podem ainda se formular de outro modo. Apegando-se a tal utopia, os nossos proletários, muito pouco metafísicos, estão longe de conceder a essas doutrinas tanta importância quanto os letrados. Logo que eles, os proletários, conhecerem uma melhor expressão dos seus votos legítimos, não hesitarão preferir noções claras e reais, suscetíveis de uma eficácia pacífica e duradoura, a vagas confusas quimeras, cuja tendência anárquica seu instinto (dos proletários), sentirá em breve... (*Política positiva*. Tomo I. Páginas 152-153).

***

"Os sentimentos de individualismo, como as vistas de detalhe, deveram prevalecer sobre durante a longa transição revolucionária que nos separa da Idade Média (desde o XIV século). Mas uns (os sentimentos do individualismo) convêm ainda menos que as outras (as vistas de detalhe) à ordem final da sociedade moderna". (*Ibidem*, p. 156).

***

"Sem discutir essas ilusões, importa caracterizar os vícios essenciais do método correspondente, porque, *fora do positivismo*, eles são hoje mais ou menos comuns a todas as escolas renovadoras. Consistem (esses vícios), de um lado, em menosprezar *ou mesmo negar as leis naturais dos fenômenos sociais*; e, de outro lado, em *recorrer aos meios políticos, onde devem prevalecer os meios morais*." (*Ibidem*, p. 158).

***

"Além do seu antagonismo passageiro com outras doutrinas viciosas, o comunismo não tem valor fundamental senão em *virtude do sentimento* que o inspira, sem que se possa jamais admitir a sua solução ilusória e subversiva. Mas essa *nobre fonte moral* bastará por si só para conservar e uma influência crescente, até que os nossos proletários hajam reconhecido que as mesmas necessidades podem ser mais bem satisfeitas por meios mais suaves e mais reais." (Ibidem, página 162).

***

"O conjunto das indicações precedentes conduz a definir exatamente a principal diferença prática entre a política dos positivistas e a dos comunistas ou dos socialistas. Todas as escolas renovadoras concordam hoje em ocupar-se sobretudo do povo, *para incorporá-lo dignamente à sociedade moderna*, que, desde o fim da Idade Média (fim do XIII século), prepara sua constituição normal. Elas coincidem assim quanto à natureza das grandes necessidades sociais peculiares aos proletários de um lado, à educação normal, de outro lado, o trabalho regular, igualmente digno de sistematização. Eis tudo que o positivismo oferece de verdadeiramente comum com as nossas diversas doutrinas progressistas. Mas ele se distingue profundamente de todas pela sua maneira de conceber e de realizar essa dupla organização (da educação e do trabalho). Ele considera a segunda sistematização (a do trabalho) como necessariamente fundada na primeira (na educação), ao passo que até aqui, supõe-nas simultâneas, ou antes esforça-se para regular o trabalho antes de constituir a educação. Conquanto essa diferença de

ordem pareça, a princípio, pouco decisiva, ela basta para mudar radicalmente o caráter e a marcha da nossa regeneração. Porque o modo que prevalece ainda redunda, no fundo, em tentar a reorganização temporal, independentemente da espiritual; isto é, a construir o edifício social sem bases intelectuais e morais. Daí resulta, *para satisfazer às justas exigências populares*, a preferência estéril e subversiva concedida às medidas políticas propriamente ditas, cuja eficácia parece imediata. Ao contrário, o positivismo é, do mesmo modo, conduzido *a fazer prevalecer a influência pacífica e certa*, porém indireta ou gradual, do sentimento e da razão, secundada por uma criteriosa opinião pública sob o impulso sistemático dos verdadeiros filósofos, assistidos por uma adesão popular. Em uma palavra, a dupla solução do comum problema social será sempre *empírica e revolucionária*, de maneira a persistir puramente *nacional* ou tornar-se-á *racional e pacífica*, com um verdadeiro caráter ocidental, conforme a organização do trabalho, preceder ou seguir a da educação". (*Ibidem¸* páginas 169-70).

***

"*A eficácia didática do sentimento foi até aqui ignorada*, porque a cultura do espírito coincidia, desde o fim da Idade Média (fim do XIII século), com a inércia do coração[6]. Porém, a *subordinação contínua*, a um tempo espontânea e sistemática, da *inteligência à sociabilidade, que constitui o principal caráter do positivismo*, é tão fecunda em vantagens teóricas, como em propriedades morais. Em todo o curso da educação popular, os pais e os mestres apanharam cada ocasião oportuno de *desenvolver o sentimento social*, cuja excitação familiar encantará amiúde as mais austeras lições. O espírito será sempre consagrado sobretudo a *fortalecer e cultivar o coração*, que, a seu turno, o animará e o dirigirá. Essa íntima solidariedade *entre os pensamentos gerais e os sentimentos generosos* facilitará tanto melhor os estudos científicos do proletário quanto sucederão a estudos estéticos que terão já suscitado felizes hábitos para embelezar a vida inteira." (*Ibidem*, p. 179).

***

Na primeira conferência do catecismo positivista, dando a *Teoria geral da Religião*, nosso Mestre diz:

"*A MULHER* — Depois de ter assim reconhecido, em toda a sua plenitude, o domínio natural da religião, eu quisera saber, meu pai, em que consistem as condições gerais dela. Frequentes vezes ela se me tem representado como dependendo unicamente do coração. Sempre pensei, porém, que o espírito aí também concorre. Poderei compreender claramente as suas atribuições respectivas?

---

[6] A palavra coração designa aqui, conforme o sentido vulgar, o conjunto dos instintos afetivos e *especialmente dos pendores altruístas*, os quais (pendores altruístas) residem em órgãos distintos, na parte anterossuperior do cérebro. Note-se, a este propósito, como a linguagem popular, fiel espelho da evolução social, tende a fazer prevalecer o altruísmo sobre o egoísmo, na apreciação de nossa natureza moral. RTM.

O SACERDOTE — Essa apreciação resulta, minha filha, de um exame aprofundado da palavra *religião*, talvez o mais bem composto de todos os termos humanos. Ele é construído de maneira a caracterizar uma dupla ligação, cuja noção exata basta para resumir toda a teoria abstrata de nossa unidade. Com efeito, a fim de constituir uma harmonia completa e duradoura, é preciso ligar o interior pelo amor e o *religar* ao exterior pela fé. Tais são, em geral, as participações necessárias do coração e do espírito nesse estado sintético, individual ou coletivo.

A unidade supõe, antes de tudo, um sentimento ao qual se possam subordinar os nossos vários pendores. Porquanto as nossas ações e os nossos pensamentos sendo sempre dirigidos pelos nossos afetos, a harmonia humana ficaria impossível se estes não fossem coordenados sob um instinto preponderante. Mas esta condição interior da unidade não bastaria se a inteligência não nos fizesse reconhecer, fora de nós, uma potência superior a que a nossa existência deve sempre submeter-se, mesmo quando a modifica. É a fim de melhor sofrermos esse império supremo que a nossa harmonia moral, individual ou coletiva, se toma sobretudo indispensável. Reciprocamente, essa preponderância do exterior tende a regular o interior, favorecendo o ascendente do instinto mais conciliável com semelhante necessidade. Assim, as duas condições gerais da religião são naturalmente conexas, sobretudo quando a ordem exterior pode tornar-se o objeto do sentimento interior.

A MULHER — Nesta teoria abstrata de nossa unidade, depara-se-me, meu pai, uma dificuldade radical no tocante à influência moral. Considerando a harmonia interior, parece-me que esqueceis que os nossos instintos pessoais são infelizmente mais enérgicos que os nossos pendores simpáticos. Ora, o predomínio dos primeiros, que parece dever erigi-los em centros naturais de toda a existência moral, tornaria, por outro lado, a unidade pessoal quase incompatível com a unidade social. Mas, como, apesar disto, estas duas harmonias foram conciliadas, necessito que um novo esclarecimento mas mostre, enfim, como plenamente compatíveis.

O SACERDOTE — Propusestes assim diretamente, minha filha, o principal problema humano, que consiste, de fato, em fazer gradualmente prevalecer a sociabilidade sobre a personalidade, sem embargo de ser esta espontaneamente preponderante. Para que possais compreender melhor a possibilidade disso, é necessário, em primeiro lugar, que compareis os dois modos opostos que a unidade moral parece naturalmente comportar, conforme essa base interior seja egoísta ou altruísta.

As expressões múltiplas que acabais de empregar, referindo-vos à personalidade, atestam involuntariamente a impotência radical do egoísmo para constituir qualquer harmonia real e duradoura, mesmo num ente isolado. Porque esta monstruosa unidade não exigiria somente a ausência de todo impulso simpático, mas também o predomínio de um único egoísmo. Ora, isso não existe senão nos últimos animais, onde tudo se refere ao instinto nutritivo, sobretudo quando os sexos não estão separados. Em todos os demais casos, porém, e principalmente em nossa espécie, a satisfação dessa necessidade fundamental deixa sucessivamente prevalecer vários outros pendores pessoais, cujas energias quase iguais anulariam as opostas pretensões de cada um dos mesmos a dominar o

conjunto da existência moral. Se todos eles não se subordinassem a afetos exteriores, o coração estaria sem cessar agitado por conflitos íntimos entre os impulsos sensuais e os estímulos do orgulho ou da vaidade, etc., quando a cobiça propriamente dita deixasse de reinar com as necessidades puramente corporais. A unidade moral é, pois, impossível, mesmo na existência solitária, em todo ente exclusivamente dominado por afeições pessoais, que o impedem de viver para outrem. Tais são muitos animais ferozes que vemos, salvo durante algumas aproximações passageiras, flutuar ordinariamente entre uma atividade desregrada e um ignóbil torpor, porque não encontram no exterior os móveis principais de sua conduta.

A MULHER — Compreendo assim, meu pai, a coincidência natural entre as verdadeiras condições morais da harmonia individual e as da harmonia coletiva. Mas continuo a ter a mesma dificuldade em conceber a abnegação habitual dos instintos mais enérgicos.

O SACERDOTE — Esta dificuldade, minha filha, será facilmente vencida quando notardes que a unidade altruísta não exige, como a unidade egoísta, o inteiro sacrifício dos pendores contrários ao seu princípio, mas apenas a criteriosa subordinação deles ao afeto preponderante. Condensando toda a sã moral na lei "*Viver para outrem*", o positivismo consagra a justa satisfação permanente dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à nossa existência material, sobre a qual assentam sempre nossos atributos superiores. Por conseguinte, ele condena, posto que inspiradas amiúde por motivos respeitáveis, as práticas demasiado austeras, que, diminuindo nossas forças, nos tornam menos aptos para o serviço de outrem. O destino social, em cujo nome ele recomenda os cuidados pessoais, deve ao mesmo tempo nobilitá-los e regularizá-los, evitando tanto uma preocupação exagerada como uma viciosa negligência.

A MULHER — Mas, meu pai, esta mesma consagração dos pendores egoístas, constantemente excitados, aliás, pelas nossas necessidades corporais, parece-me ainda incompatível com um predomínio habitual dos nossos fracos afetos simpáticos.

O SACERDOTE — E é por isso, minha filha, que esse aperfeiçoamento moral há de constituir sempre o principal objeto da arte humana, cujos esforços contínuos, individuais e coletivos, dele nos aproximam cada vez mais, sem que nunca possamos realizá-lo de modo completo. Esta solução crescente funda-se unicamente na *existência social, em virtude da lei natural que desenvolve ou comprime nossas funções e nossos órgãos conforme são ou não exercitados*. Com efeito, as relações domésticas e cívicas tendem a *conter os instintos pessoais* mediante os conflitos que suscitam entre os diversos indivíduos. Pelo contrário, elas favorecem o *surto das inclinações benévolas*, únicas suscetíveis, em todos, de um desenvolvimento simultâneo, naturalmente contínuo, por causa dessas excitações mútuas, posto que necessariamente limitado pelo conjunto de nossas condições materiais.

Eis aí por que a verdadeira unidade moral não pode surgir assaz senão em nossa espécie, pois que o progresso social deve pertencer exclusivamente à *mais*

bem organizada das raças sociáveis, a menos que outras não se lhe agreguem como livres auxiliares. Mas, sem que tal harmonia se possa desenvolver alhures, o seu princípio é facilmente apreciável em muitos animais superiores, que até forneceram as primeiras provas científicas da existência natural dos afetos desinteressados. Se esta grande noção, sempre pressentida pelo empirismo universal, não houvesse sido sistematizada tão tardiamente, ninguém tacharia hoje de *afetação sentimental uma doutrina diretamente verificável entre tantas espécies inferiores à nossa*. (*Catecismo Positivista*, Tradução e notas de Miguel Lemos, 3 ed., págs. 46-52).

***

Dando, em seguida, a *Teoria da Humanidade*, nosso Mestre assim se exprime:

"*A MULHER* — Não posso deixar de admitir, meu pai, esta concepção fundamental, por mais dificuldades que ela ainda me apresente. Amedronto-me, porém, de minha nulidade pessoal ante semelhante existência, cuja imensidade me abate mais do que outrora a majestade de um Deus, com o qual, embora mesquinha, me sentia em relação própria e direta. Depois de me haverdes subjugado pela preponderância crescente do novo Ente Supremo, careço, pois, que reanimes em mim o justo sentimento de minha individualidade.

O SACERDOTE — Vai isso resultar, minha filha, de uma apreciação mais completa do dogma positivo. Basta reconhecer que, posto que o conjunto da Humanidade constitua sempre o principal motor de nossas operações quaisquer, físicas, intelectuais ou morais, *o Grande Ser nunca pode agir senão por intermédio de órgãos individuais*. É por isso que a população objetiva, apesar de sua subordinação crescente à população subjetiva, continua necessariamente indispensável a toda influência desta. Decompondo, porém, essa participação coletiva, vê-se, afinal, que ela *resulta de um livre concurso* entre esforços puramente *pessoais*. Eis aí o que deve reerguer cada digna individualidade em presença do novo Ente Supremo, ainda mais que perante o antigo. Com efeito, este não tinha realmente nenhuma necessidade de nossos serviços quaisquer, senão para vãos louvores, devendo, até, sua pueril avidez por eles degradá-los aos nossos olhos. Recordai-vos deste verso decisivo da *Imitação*:

Eu te sou necessário, e tu de nada me serves.[7]

Poucos, sem dúvida, são os homens que se podem considerar como realmente *indispensáveis* à Humanidade: isto só quadra aos verdadeiros promotores de nossos principais progressos. Mas toda digna existência humana pode e deve sentir habitualmente a *utilidade* de sua cooperação pessoal nessa imensa evolução, que cessaria necessariamente logo que todos os seus *mínimos elementos objetivos* (isto

[7] O verso citado neste lugar é tirado da tradução de Corneille: "*Je te suis nécessaire, et tu m'es inutile*". O original latino diz assim: "*Tu mei indiges, non ego tui indigeo*". ("Tu precisas de mim, eu não preciso de ti.") É Deus quem fala. *Imit. de Cristo*, livro IV, cap. XII.

é, *vivos*) desaparecessem a um tempo. O desenvolvimento e mesmo a conservação do Grande Ser ficam, portanto, subordinados sempre aos livres serviços de seus diversos filhos, posto que a inação de cada um deles seja de ordinário suscetível de uma suficiente compensação". (*Ibidem,* págs, 76-78).

***

Continuando, no IV tomo da *Política*, as reflexões de onde extraímos a primeira destas citações, nosso Mestre diz:

"Diretamente ligada ao princípio fundamental da síntese positiva, a *doutrina do altruísmo inato é só o que permite instituir uma moral sistemática*, que, mediante a sua subordinação objetiva para com a sociologia, obtenha a presidência subjetiva da hierarquia enciclopédica. Até então, com efeito, a universal preponderância da moral permanecia uma aquisição empírica da sabedoria sacerdotal, sem comportar nenhuma discussão. Os teoristas aspiravam a fazer prevalecer a filosofia, e os práticos a política, sobre um estudo que parecia *puramente pessoal*. Por não poderem abordar aí o *ponto de vista social*. *Sem a existência natural dos instintos desinteressados*, o *problema humano não admitiria solução alguma*, e não poderia mesmo ser sinteticamente posto. A nossa unidade subjetiva tornando-se então impossível, em virtude do antagonismo dos indivíduos para com a espécie, a filosofia não teria jamais cessado de oscilar em vão entre as diversas tentativas de sistematização objetiva. Além da sua aptidão afetiva, a *inateidade simpática* comporta, pois, muita eficácia mental como *indispensável à concepção abstrata da sociabilidade*. Porém, em virtude mesmo de tal conexidade a sua *irrevogável demonstração*, aliás, entravada pelas crenças teológicas e as *hipóteses metafísicas*, devia coincidir com o advento decisivo da sociologia.

A fim de melhor caracterizar essa relação necessária, cumpre estendê-la até à dinâmica social, embora a sua influência pareça puramente estática. É fácil reconhecer que não se poderia, de outro modo, instituir a escala prática do progresso humano, que, primeiro material, torna-se, em seguida mental e, finalmente, afetivo: pois que limitar-se-ia então a coordenar aí os meios sem considerar o fim. Prosseguindo a mesma hipótese, o conjunto da nossa evolução cessaria também de comportar uma apreciação teórica, por falta de resumo natural. O volume precedente (III da *Política Positiva*) provou suficientemente que o movimento afetivo, sem admitir nenhum impulso direto, constitui a resultante necessária das duas progressões simultâneas da inteligência e da atividade. Se, portanto, esse duplo surto não pudesse acabar por modificar o sentimento, tal surto ficaria sempre preparatório, de maneira a repelir toda lei verdadeiramente geral. Essa aptidão necessária das variações afetivas a resumir o conjunto da evolução humana *não poderia pertencer ao egoísmo*, *e reside unicamente no altruísmo*, que é só o que permite representar um movimento total pelo ascendente gradual da sociabilidade. Eis como os *instintos sociais* tornam-se a *fonte da ordem e o termo do progresso* mediante o isolamento desses instintos para com o mundo exterior, embora essa

dependência aumente *a dificuldade de os apreciar através da dominação da personalidade*." (*Política Positiva*. Tomo IV, páginas, 20-21).

***

No IV tomo da *Política*, capítulo 5, Augusto Comte resume a apreciação do comunismo nestes termos:

"Sou assim conduzido a completar essa indicação da influência conservadora do positivismo assinalando a sua luta necessária com o comunismo, *último estado verdadeiramente honorável e perigoso do conjunto dos instintos revolucionários*. Depois de ter superado a anarquia dos ricos para com os grandes, a religião da Humanidade consagrará a maior parte da transição final a transformar ou dissipar as disposições que até então terão mais e mais impelido os pobres contra os ricos". (*Ibidem*, Tomo IV, página 475).

***

Enfim, no *Apelo aos Conservadores*, nosso Mestre observa:

"Conquanto o comunismo deva hoje parecer mais anárquico do que o individualismo, por ser mais iminente, essa oportunidade pode indicar a transformação que ele (o comunismo) esboça no instinto revolucionário, que assim se esforça por abandonar o caráter crítico para tomar a atitude orgânica. *Um* (o comunismo) anuncia o *desregramento do altruísmo*. Ao passo que o outro (o individualismo) consagra a *preponderância do egoísmo*." (*Apelo aos Conservadores*, tradução e notas de Miguel Lemos, p. 150).

***

E caracterizando a *aliança política* dos verdadeiros conservadores com os dignos revolucionários, para instalarem a transição orgânica, Augusto Comte diz:

"A cooperação deles (dos dignos comunistas) comportará tanto mais eficácia quanto ela *há de provir, sobretudo, do sentimento*, cuja preponderância caracteriza a síntese final (Positivismo). É sobre o impulso do coração que os positivistas poderão superar plenamente todas as resistências do absolutismo, manifestando a conexão natural deste com o egoísmo e a do relativismo com o altruísmo. Posto que os comunistas tendam agora a derrocar a família como a sociedade, estas disposições são independentes de seus sentimentos e só resultam da sua falsa apreciação do problema humano. Em nome do objetivo que visam, é possível levá-los a reconhecer que *a inteligência precisa mais do que a riqueza de ser sempre chamada ao serviço da Humanidade.* Esta convicção bastará para fazer-lhes apreciar a insuficiência da desastrosa solução que ora aceitam. *Sem estar ainda convertidos ao positivismo*, eles sentirão a aptidão deste para resolver melhor o problema que eles plantaram. Desde então, suas disposições à veneração como ao devotamento tomarão uma direção salutar, de maneira a preparar os costumes

normais, fazendo respeitar, em nome da sociabilidade, a fortuna e mesmo poder, enquanto o mando permanecer separado da riqueza.

Debaixo do aspecto intelectual, a aliança política dos dignos revolucionários é a única que pode permitir aos verdadeiros conservadores o dominarem as resistências que hoje deve encontrar a preponderância necessária do espírito de conjunto sobre o espírito de detalhe. Esta segunda assistência liga se à primeira, em virtude da conexidade natural entre as tendências sintéticas e as disposições simpáticas. A fundação do positivismo confirma tal relação, pois que sua filosofia surgiu sob impulso social, e mesmo só tem produzido convicções estéreis naqueles que não a ligam à reorganização do poder espiritual. Ora, a este, como a qualquer outro respeito, o comunismo indica e prepara a transformação orgânica do instinto revolucionário. Conquanto pareça desapreciar radicalmente a separação dos dois poderes, esta aberração só é verdadeiramente incurável nos doutores, sempre propensos a desprezar o fim pelos meios. Mas o comunismo dispõe os proletários à admissão dessa base, tendendo *a fazer prevalecer a moral sobre a política*, a fim de instituir a disciplina que ele busca. Todos os outros revolucionários tornaram-se os preconizadores de uma especialidade dispersiva, apesar das nobres tradições dos enérgicos diretores do abalo francês, cuja eficácia teórica só é agora apreciada pelos positivistas.

Conquanto naturalmente comum aos cinco elementos da ocidentalidade (francês, italiano, espanhol, britânico e germânico), esta dupla assistência convém, sobretudo ao povo investido da iniciativa regeneradora (francês). Não são os católicos que podem auxiliar os conservadores franceses a fazer prevalecer o espírito sintético e o instinto simpático no meio de uma burguesia egoísta e frívola, na qual forças suscetíveis de regeneração permanecem dominadas por classes destinadas a se extinguir. Sem a energia dos dignos comunistas, a ditadura central (francesa) ficaria incapaz de superar resistências ativas que conduziram seu órgão mais célebre (Bonaparte) a restaurar, apesar de suas próprias repugnâncias, uma corporação anárquica e retrógrada. Quando essa assistência for suficientemente desenvolvida, o comunismo poderá concorrer tanto quanto o catolicismo para secundar os conservadores no instalamento decisivo da transição orgânica. Ambos serviram para proclamar dois problemas necessários, um político, outro religioso, cada um dos quais não pode ser verdadeiramente assentado, senão mediante uma solução qualquer, até que a conexidade deles faça prevalecer a única doutrina que os resolveu.

Apesar de aparências graves e de perigos reais, o mau espírito revolucionário pertence mais à burguesia do que ao meio popular, pelo menos na nação central (França). A principal oposição ao concentramento necessário do poder e da riqueza dimana daqueles que, conquanto não possam tornar-se patrícios, não querem ser proletários. É aí que se desenvolve, em relação a todas as altas posições, uma inveja que só a religião pode curar. Elas não inspiram aos proletários senão uma desconfiança facilmente superável por uma digna conduta, apesar do predomínio atual dos sofismas anárquicos. Um instinto confuso indica à burguesia que a regeneração ocidental exige que ela se extinga gradualmente, para transformar seus

melhores chefes em verdadeiros patrícios e a maioria dos seus membros em puros proletários, eliminando todos os destroços metafísicos. Posto que esta depuração e esta regeneração só possam ser diretamente realizadas pelos positivistas, os conservadores devem anunciá-las e mesmo prepará-las. Ora, eles não poderão preencher este ofício sem a assistência dos proletários, únicos interessados no bom êxito de um movimento do qual depende o advento do patriciado que deve regularizar a incorporação necessária deles na sociedade moderna.

Os conservadores facilmente evitarão a perigosa iniciativa de tais auxiliares, que, apesar de sua participação nos costumes revolucionários, são mais disciplináveis que os burgueses. A constante repressão exigida pelas aspirações à igualdade não será nunca suspeitada de tendência opressiva quando os conservadores houverem aceitado suficientemente o programa do positivismo sobre a educação universal. Se bem que este fundamento geral do regime definitivo não possa ser diretamente assentado por eles, eles devem, como no caso do patriciado, anunciá-lo e prepará-lo. Semelhante conduta bastará para prevenir ou superar, sem conceder coisa alguma à demagogia, as inquietações que a aliança necessária com os retrógrados poderia inspirar quanto à verdadeira fraternidade. Com efeito, a universalidade da educação, longe de tender para uma igualdade subversiva, desenvolverá todas as dignas desigualdades, secundando o surto do mérito em todos os rangos.

À vista do conjunto das indicações precedentes, o partido revolucionário, convenientemente depurado, deve tornar-se um precioso auxiliar dos verdadeiros conservadores para preparar a terminação direta da crise final pelo positivismo. Conquanto esse partido constitua a principal sede da moléstia ocidental, a iniciativa e a popularidade que lhe são ainda próprias, não permitem instituir sem ele a transição orgânica. Seus melhores membros têm-se adiantado bastante pelos seus esforços espontâneos para que impulsos sistemáticos possam inspirar os progressos exigidos pelo objetivo que buscam.

Combinando este capítulo com o anterior, reconhece a possibilidade de instituir-se uma política que, à princípio, parece desprovida de apoios suficientes no meio que ela deve dominar. Posto que diretamente repelida pelos dois partidos principais, a conciliação entre a ordem e o progresso é por demais conforme à situação ocidental para não encontrar uma assistência poderosa entre os melhores retrógrados e revolucionários. Tendo apreciado quanto basta as duas alianças que hoje devem permitir o ascendente de uma elite mínima, resta-me caracterizar, fundando-me nessa combinação, a marcha atual do partido construtor". (*Apelo aos Conservadores.* Tradução e notas de Miguel Lemos, páginas 148-160).

***

Assinalado assim, o alcance capital da *demonstração científica da existência natural dos instintos altruístas* na organização moral da espécie humana e das espécies animais superiores, cumpre-nos aduzir algumas considerações que podem contribuir para dissipar as *objeções metafísicas* que a contestam.

Voltando à primeira das citações precedentes, urge, observar que o *dogma do duplo movimento da Terra* já está hoje unanimemente aceito no Ocidente. Porém o predomínio do espírito acadêmico, tanto oficial como extraoficial, cria ainda sérios embaraços às reações - políticas, morais e lógicas - de tal dogma, pretendendo jungir ao *relativismo* do espírito positivo o *absolutismo* peculiar ao teologismo e, sobretudo, à metafísica.

É claro que - o nosso organismo sendo regido pelas *leis naturais* - a aberração acadêmica não impede que a simples *crença no duplo movimento da Terra* esteja cotidianamente acarretando, inconscientemente, na massa dos ocidentais, modificações despercebidas ao comum das pessoas, no sentido de fazer prevalecer o *relativismo* moral e mental sobre o *absolutismo* moral e mental. Por mais *infinitesimais* que sejam semelhantes modificações, elas se vão *integrando* através das gerações até tornarem-se patentes a todos, em futuro mais ou menos próximo.

***

Quanto aos pendores altruístas, porém, a massa dos ocidentais continua dividida, como fonte de todas as desgraças humanas, em dois grupos, a saber: um grupo é constituído pelos que aceitam a distinção essencial entre o *egoísmo* e o *altruísmo*. O outro grupo é formado pelos que negam tal *distinção essencial*. Os que se acham no segundo grupo pretendem reduzir as *manifestações quaisquer da sociabilidade* e da *moralidade* ao *simples jogo dos móveis egoístas*. Ao passo que os incluídos no primeiro grupo oferecem *duas categorias*, a saber: uns - como os católicos e os que se filiam em graus diversos a São Paulo - atribuem o egoísmo à natureza, e referem o altruísmo à *graça* de Deus. Os outros - como os positivistas, continuando Hume, Diderot, Jorge Leroy, e os verdadeiros enciclopedistas - admitem que tanto o egoísmo como altruísmo são inerentes ao organismo do homem e dos animais superiores, resultando de *propensões distintas*, irredutíveis entre si. Enfim, nesta *última categoria*, cumpre notar os que, como os positivistas, aceitam, a partir de Gall, que os *instintos egoístas*, da mesma sorte que os *instintos altruístas*, as qualidades do *caráter* e as *faculdades intelectuais* - em suma, todos os fenômenos reunidos sob a denominação vulgar de *alma* - residem no cérebro, cada pendor ocupando aí uma *sede distinta* das sedes das demais.

***

Isto posto, é claro que - *tratando-se da reorganização social* - a primeira diferença a constatar, *nas opiniões*, é a que separa as duas massas humanas, a saber: de um lado, os que aceitam a distinção essencial entre o egoísmo e o altruísmo; de outro lado, os que negam semelhante distinção.

Porque a distinção entre o egoísmo e altruísmo constitui o *primeiro elemento* para a decisiva apreciação da realidade sobre a nossa natureza moral. Os que atribuem ao altruísmo à *graça* de Deus apenas superpõem, a esse primeiro apanhado real, uma *ficção* destinada a suprir a ignorância dos *órgãos altruístas*. Desde, porém, que se aceita a distinção entre o egoísmo e o altruísmo, fica-se habilitado a promover a cultura das

disposições diretamente determinantes da vida social, depurando o egoísmo de suas demasias, isto é, reduzindo o egoísmo à estrita participação normal que *fatalmente* lhe cabe na vida social e moral. Chega-se assim, à concepção sistemática da *pureza* e do *Amor*; a pureza consistindo na redução do egoísmo ao estrito necessário, segundo a lei universal: *os fenômenos mais nobres estão, por toda parte, subordinados aos mais grosseiros*.

Semelhante alvo só é, porém, atingido depois que o exame conveniente da nossa natureza moral permite caracterizar nitidamente tanto o *egoísmo* como o *altruísmo*. Foi o que fizeram os eminentes representantes do sacerdócio católico, desde São Paulo até São Bernardo, cuja sabedoria Tomás de Kempis resumiu no poema da *Imitação de Cristo*, embelezado por Corneille.

***

Apoiado nesse primeiro apanhado da *realidade moral*, sabe-se que não se pode esperar do egoísmo o que é obtido com o amor ou altruísmo, e reciprocamente, todo o esforço converge, pois, para fazer prevalecer o Amor ou altruísmo no conjunto das relações humanas, dissipando as perturbações causadas pelo egoísmo, inclusive os sofismas que ele inspira à nossa fraca inteligência. Para quem crê em Deus, *implorar a graça de Deus é exercitar os pendores altruístas*, tanto mais eficazmente quanto mais a *oração* for desprendida de pedidos pessoais. É o que acontece, *mesmo vulgarmente*, no culto católico, em virtude da eliminação crescente das mais grosseiras satisfações egoístas, desde a luxúria até a soberba e a frivolidade, na constituição dos gozos celestes, que Dante idealiza na *Divina Comédia*.

Eis como a sabedoria do sacerdócio católico, a partir de São Paulo, combinada com o nobre empirismo dos chefes feudais, especialmente nos tipos cavalheirescos, conseguiu, sob a inspiração feminina, sistematizar o conjunto da existência ocidental na Idade Média, por forma tal que nosso Mestre disse:

***

> "Trata-se, sobretudo, no fundo, de incorporar intimamente ao positivismo, com *melhoramentos radicais*, tudo quanto o sistema católico da Idade Média pôde realizar ou mesmo esboçar de grande e de terno". (TESTAMENTO - *Correspondência*. Carta a Clotilde, de 5 de agosto de 1845, p. 296.)

***

> "Felicitei-me sempre de ter nascido no Catolicismo, fora do qual a minha missão teria dificilmente surgido em consequência dos *perigos intelectuais e morais* peculiares à educação protestante ou teísta. (TESTAMENTO, página 9).

***

"Além de seus serviços imediatos, essa admirável transição[8] fez irrevogavelmente surgir todos os germes essenciais do regime final. Ela esboçou mesmo, sobre cada grande aspecto, a verdadeira ordem humana, ao mesmo tempo temporal e espiritual, tanto quanto o permitiam, então a doutrina e a situação. Por isso, ao positivismo só resta agora retomar o conjunto do programa da Idade Média para realizá-lo dignamente, mediante uma fé melhor, combinada com uma atividade mais favorável. Porém a influência feudal, que não tem hoje defensores especiais, é injustamente sacrificada nestas apreciações históricas, à participação católica, única estudada pela escola retrógrada. Um exame aprofundado mostra, entretanto, a reação cavalheiresca até nas modificações, demasiado menosprezadas que então experimenta a última fé provisória. Depois de ter admiravelmente esboçado o culto da Mulher, prelúdio necessário da Religião da Humanidade, o sentimento feudal determinou realmente, no século das Cruzadas, a alteração que sofreu o monoteísmo ocidental, quando a Virgem tendeu a tomar o lugar de Deus. (CATECISMO POSITIVISTA. *Tradução e notas de* Miguel Lemos. 3 ed, págs. 427-28).

***

E na carta dirigida à 26 de Moisés de 69 (26/01/1857), ano de sua morte, a seu pai, que era católico, nosso Mestre dizia:

"...A Religião da Humanidade encara todos os outros cultos anteriores como suas diversas preparações espontâneas, *ainda úteis e mesmo indispensáveis à imensa maioria das Almas atuais*. Ela faz sobretudo apreciar o Catolicismo, o último e principal precursor do Positivismo..."

"Entre as almas verdadeiramente regeneradas, a religião positiva é diretamente destinada a regular a vida humana, tanto privada como pública, fazendo convenientemente prevalecer o sentimento sobre a inteligência e a atividade. *Nós não diferimos dos católicos senão em que a nossa unidade se refere à Humanidade, ao passo que a deles se liga a Deus*. Conquanto a teoria possa plenamente demonstrar a superioridade do novo sistema sobre o antigo, para as almas suficientemente preparadas, só a prática deve pronunciar entre os dois regimes, tornando os positivistas mais religiosos do que os teologistas quaisquer, em cada parte da existência terrestre". (CARTAS DE AUGUSTO COMTE A DIVERSOS, publicadas por seus testamenteiros. Tomo I, 2ª parte, págs. 378-380).

***

Estas situações resume os motivos que levaram ao nosso Mestre a aconselhar aos positivistas que contribuíssem para a livre sustentação do culto católico, desde que os governos deixassem de subsidiá-lo. E a este propósito, cumpre não esquecer que Augusto Comte demonstrou cientificamente que a regeneração humana exigia a supressão de

[8] Refere-se à Idade Média. RTM.

qualquer apoio dos governos a todas as doutrinas e teoristas (teológicos, metafísicos e científicos), enquanto não houvesse uma fé unânime.

***

Mas os que negam a existência do altruísmo acham-se, por isso mesmo, impossibilitados de discriminar entre as solicitações egoístas e as sugestões altruístas. Desde então não podem também descobrir as leis naturais que regem as manifestações egoístas e altruístas. Ficam, portanto, dispostos a tornar-se vítimas dos pendores egoístas, tanto mais facilmente quanto mais complicadas forem as situações sociais, quer políticas, quer morais. Seja qual for a iminência dos seus pendores altruístas, as pessoas não conseguem tirar então do altruísmo toda a eficácia que ele comporta, e podem ser arrastadas a fazer o mal pretendendo fazer o bem.

***

Isto posto, eis sumariamente os motivos positivos que levam a reconhecer a existência dos pendores altruístas na constituição do homem e dos animais sociáveis.

Além das propriedades matemáticas, astronômicas, físicas e químicas comuns a todos os corpos, *os entes vivos apresentam tantas propriedades especiais, distintas e convergentes, quantas são as relações entre cada grau de vitalidade e o meio.* São estas propriedades peculiares à vitalidade que se denominam *funções*.

Essas *funções* são *simples* quando correspondem às *relações elementares* ou *irredutíveis* entre o ser vivo e o meio; e são *funções compostas* quando correspondem a relações definidas por um concurso de relações elementares.

Cada função supõe, no corpo vivo, um certo dispositivo por cujo intermédio o ente vivo exerce a função. Esse dispositivo é o *órgão* da função. Tal é o fato que se resume na *lei biológica*: *não há função sem órgão.*

O exercício normal de qualquer *função animal* é acompanhado de um bem-estar que forma o *prazer*, e tanto maior quanto mais esse exercício se harmoniza com os das demais funções.

***

Cumpre notar que a função é exercida pelo ente vivo mediante o órgão: isto é, o ente vivo não pode exercer a função sem o órgão desta; mas, se pretender se destacar do animal *objetivamente* o órgão neste perde as suas aptidões vitais, isto é, morre. Essa ablação de um órgão pode ser, ou não, compatível com a persistência da vida no ente vivo mutilado; mas, em todo caso, o ente vivo não pode exercer a função afeta ao órgão suprimido. De sorte que o exercício de cada função acha-se fatalmente ligado às reações de todas as outras, segundo a lei apreciada desde Hipócrates e talvez desde os teocratas: *no organismo, tudo concorre, tudo consente, tudo conspira*.

Desse *consenso vital* resulta que há funções facilmente apanháveis pelo senso vulgar e órgãos também facilmente apanháveis pela razão comum. As funções mais

eminentes, porém, e sobretudo, os *órgãos respectivos*, só podem ser descobertos por um exame dificílimo, acessível unicamente aos maiores gênios. Tal é o caso das funções morais e das funções mentais.

Todavia, uma vez descobertas pelos santos, e gênios, as funções quaisquer e os seus órgãos podem ser constatados pelo vulgo, *mediante as condições convenientes*, como se dá com todas as outras descobertas científicas.

***

Isto posto, os animais oferecem duas classes: uma formada pelos animais *individualistas*, e a outra constituída pelos animais *sociáveis*. Os animais sociáveis apresentam vários tipos; uns vivem apenas em *família*, com diversos graus de persistência; outros chegam a reunir as *famílias* em *tribos*. Alguns ligam se socialmente a outras espécies, de preferência mesmo à sua própria espécie; outros repelem qualquer ligação fora de sua própria espécie.

Convém notar que a *sociedade* não é um mero *acervo* qualquer: A *sociedade*, conforme o exame de Aristóteles, caracteriza-se pela *divisão dos ofícios* e a *convergência dos esforços*. Está entendido que tal divisão de ofícios e tal convergência de esforços é mais ou menos percebida e voluntária.

***

Semelhante diversidade requer, portanto, funções diferentes. Não só os animais individualistas não podem possuir as mesmas funções e os mesmos órgãos que os animais sociáveis; mas também os diversos tipos de animais sociáveis devem oferecer, pelo menos, diferenças de grau nas funções inerentes à existência coletiva.

Pois bem, *as funções peculiares à vida coletiva* constituem os pendores altruístas e formam no seu conjunto o Amor ou Altruísmo. Sem tais pendores torna-se tão impossível que o animal seja *sociável*, como que o animal *veja* sem ser dotado de *visão etc.*

***

Antes de ir mais longe, convém dissipar um engano. Para muitas pessoas, a palavra egoísta e suas derivadas são sempre sinônimas de *pessoal* e *individual*. Provém esse engano do fato de todas as *manifestações sociais resumirem-se, afinal, e um órgão individual*, como vimos na citação supra. Assim, a virtude, a poesia, a filosofia, a ciência e a indústria são *manifestações sociais*, pois que só existem graças à sociedade, mas a sociedade só as consegue *resumindo os esforços coletivos, a cada instante*, em órgãos individuais. E esse resumo só é possível em *pessoas dotadas de altruísmo*. De sorte que, nos fenômenos que as pessoas oferecem, cumpre distinguir aquilo em que elas são *órgãos do egoísmo*, isto é, no seu *eu*, e aquilo em que as pessoas são *órgãos do altruísmo*, isto é, da sociedade, ou do *nós*.

Os *pendores altruístas* ou peculiares à *vida coletiva*, da mesma sorte que os *pendores egoístas* ou peculiares à *vida individual*, formam apenas *tendências*, isto é, produzem emoções no estado ativo, e *sentimentos* no estado passivo. É só por meio das funções intelectuais que o animal pode descobrir como satisfazer os seus pendores afetivos quaisquer, tanto egoístas como altruístas. Em todo caso, o animal não pode conseguir com uma função o que é o apanágio de outra.

***

Assim, o *egoísmo* é constituído, na espécie humana e nas espécies superiores, por um conjunto de propensões distintas ou funções simples – sete, segundo Augusto Comte - cada uma das quais corresponde a um dos aspectos irredutíveis da *vida individual* dos tipos da espécie considerada. E o *Altruísmo* é constituído por um conjunto de órgãos inerentes à vida social – três, segundo Augusto Comte. Esses três órgãos são: o *apego*, amor entre os iguais; a *veneração*, amor para com superiores; e a *bondade*, amor para com os inferiores. Mas esses pendores se combinam em cada caso concreto, pois que um ente em relação a outro é, conforme os aspectos, *igual*, *superior* ou *inferior*.

Cada espécie de egoísmo não pode suprir nenhuma das outras e nem nenhum dos pendores altruístas. Os pendores altruístas não são igualmente suscetíveis de se substituírem entre si. Isso não impede que umas funções sejam *fortalecidas* ou *deprimidas* pelas outras, isoladamente ou concorrentemente. O remorso é o mal-estar resultante do sofrimento dos móveis altruístas, reforçados pelas reações dos diversos pendores pessoais, desde o instinto nutritivo até o orgulho e a vaidade, quando a inteligência permite apreciar o mal causado. Ora, essa *consciência*, ou conhecimento íntimo, depende da delicadeza altruísta do indivíduo e do grau de sua educação, tanto moral como mental. De sorte que o remorso se aperfeiçoa com a evolução da Humanidade.

***

Os exemplos mesmos apresentados, nas objeções atuais, confirmam o que acabamos de recordar. Os animais sem altruísmo ou mesmo dotados de altruísmo insuficiente não podem sofrer com as privações dos outros entes quaisquer. Portanto, um animal sem altruísmo não pode ter *prazer* em dedicar-se, em dar a outrem, seja o que for. Isto seria tão impossível como ver com ouvido ou digerir alimentos sólidos ou líquidos com o pulmão etc.

***

Agora, aos animais que têm altruísmo, possuindo também fatalmente os pendores inerentes à personalidade, todo o prazer proveniente do exercício dos pendores altruístas está ligado, mais ou menos, à satisfação dos pendores egoístas. Note-se, porém, que tal ligação dá-se também normalmente em relação a todas as funções, mesmo às mais grosseiras da vida vegetativa. O cérebro não funciona sem o corpo. Se o animal só *ama* graças aos órgãos altruístas, se só *pensa* graças aos órgãos intelectuais, não é menos

verdade que, para amar e pensar, é preciso sangue; embora o amor e o pensamento não resultem do sangue, que tanto alimenta os órgãos altruístas e intelectuais, como alimenta os órgãos do egoísmo e os da vida vegetativa.

***

Por isso a moralidade não requer que se *suprimam* os *pendores egoístas*; e sim, que se os *subordinem*, como todos os outros órgãos, aos órgãos altruístas. Conforme São Paulo o proclamou, os órgãos mais grosseiros se enobrecem tornando-se o pedestal dos órgãos superiores.

***

Essa coexistência de pendores egoístas e pendores altruístas na constituição do cérebro dos animais sociáveis é que levou os espíritos dominadas pela metafísica a quererem tudo reduzir ao egoísmo, mediante uma apreciação falsa da verdadeira natureza das funções altruístas, e mesmo dos fenômenos vitais em geral. Todo prazer inerente a um ato, ou mesmo a um sentimento ou a um pensamento em que nossa individualidade figura de qualquer modo saliente já não é fenômeno que se possa apresentar como característico do verdadeiro altruísmo. Assim, no exemplo citado, se o prazer de matar a fome alheia for determinado pelo contentamento de si mesmo e não pelo regozijo do alívio causado em outrem, tal prazer é egoísta; é uma satisfação da vaidade, do orgulho ou mesmo da distributividade, da construtibilidade, e até do próprio instinto nutritivo. O prazer altruísta é o prazer resultante do bem que outrem goza, *seja feito por quem for*. que a fome alheia esteja satisfeita, por nós ou por outrem, pouco importa. Para o Altruísmo, o essencial é que não haja famintos.

E foi por isso que São Paulo disse: "*E se eu distribuir todos os meus bens no sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, se, todavia, não tiver amor, nada disso me aproveita*". (1Cor 13, 3).

O altruísmo é a completa abnegação de si mesmo. "*Através da anarquia moderna* - diz Augusto Comte - *a verdadeira moralidade acha-se espontaneamente caracterizada pelo admirável voto do grande Danton*: *Pereça a minha memória, contanto que a pátria se salve!*" (POLÍTICA POSITIVA, Tomo IV, p. 50).

No Altruísmo, não há *cálculo* egoísta nenhum. A inteligência só intervém, então, para indicar os meios de satisfazer a outrem, sem contar conosco senão para mostrar em que e como podemos contribuir para o bem de outrem. Toda preocupação pessoal que não tiver em vista a dedicação exclusiva a outrem manifesta o predomínio do egoísmo sobre o altruísmo.

Mas, se o altruísmo já determina o maior dos prazeres, quando o bem é realizado sem a mínima intervenção de nossa parte; a emoção altruísta sobe de ponto quando, conforme a máxima de Clotilde de Vaux: "*Que prazeres podem se exceder aos da dedicação?*" Nos é dado contribuir para o bem de outrem, pois o prazer é tanto mais intenso quanto mais enérgico for o exercício do órgão. Eis por que a *prática* dos atos bons causa emoção maior e mais eficaz para a cultura moral do que as efusões altruístas.

Juntos e a esta consideração que, em virtude da sinergia vital, as satisfações dos pendores altruístas são fatalmente acompanhadas das satisfações *normais* dos diversos instintos egoístas. Esta circunstância - se for aproveitada com as cautelas convenientes - facilita a solução do problema moral (*subordinar o egoísmo ao altruísmo*); mas ela não permitiria *instituir* tal solução se *o altruísmo não existisse*.

***

Tudo quanto precede evidencia que o ódio não pode ser jamais *manifestação de amor*. Manifestação do amor é só a dedicação, seja para quem for, pelos bons e mesmo pelos maus, conforme a máxima de Clotilde de Vaux que lembramos na nossa carta: "*os maus precisam muitas vezes mais de piedade do que os bons*". O ódio é manifestação do orgulho, da vaidade, do instinto destruidor e até do instinto conservador ou nutritivo.

O amor leva-nos a subordinar a nossa existência, à existência dos entes amados; "*a só amar-nos por amor de outrem*", como disse São Bernardo. Portanto, o que leva-nos a aplicar ao conseguimento do bem do ente amado, os meios que a nossa inteligência nos indicar, se esses meios estiverem a nosso alcance. Nestas condições, podemos ser forçados - *ou nos acreditarmos forçados* - a recorrer aos pendores egoístas como a qualquer outro instrumento. Mas servindo nos desses pendores egoístas para satisfazer os votos do altruísmo, os sentimentos e os atos resultantes do egoísmo não se *transformam* em manifestações do *amor*. O egoísmo fica sempre egoísmo; da mesma sorte que a nutrição é nutrição sempre, a visão é visão simples etc.

Esta observação é capital; porque ela patenteia quanto o uso de precaver-vos contra solicitações egoístas, isto é, contra as *tentações*, como se diz na linguagem teológica. De fato, o Amor nos prescreveu sempre servir-nos dos pendores egoístas, reduzindo-os ao estritamente indispensável e sempre prevenidos contra os sofismas a que a energia deles arrasta a fraqueza da inteligência. Assim, no exemplo figurado, que necessidade temos, para defender a sociedade, de odiar os desgraçados, isto é, os que fazem mal? Em que semelhante defesa fica comprometida em aliar-se com a piedade para com todos?

***

Para entender-se, melhor este ponto, lembraremos que as relações puramente humanas ou com os animais sociáveis, podem ser imensamente mais *expurgadas* das intervenções dos *pendores egoístas* do que as relações com a Terra, quer industriais, quer estéticas. Porque, no primeiro caso, salvo os tipos cada vez mais excepcionais, pode-se apelar para o altruísmo esclarecido dos diversos agentes; o que não se dá no segundo caso.

De fato, desde o nascimento até a morte, os entes sociáveis, quer humanos quer animais, podem prestar *voluntariamente* o seu concurso, sem que se precise exercer sobre eles qualquer violência, nem mesmo reduzida à ameaça. E nisto consiste a *verdadeira liberdade*. Ao passo que, nas artes industriais estéticas, a Humanidade é obrigada frequentemente a exercer a *violência* para satisfazer os ideais altruístas. Seria, sem dúvida, mais favorável ao altruísmo e, portanto, mais belo que as pedras, os metais etc., acudissem

aos votos da Humanidade, se modelassem espontaneamente e agissem, realizando o conjunto das maravilhas industriais e dos prodígios poéticos. Então a Humanidade ficaria dispensada de empregar a destrutividade, o orgulho e a vaidade; a atividade industrial e estética seria tão doce como já é vulgarmente a solicitude da Mulher, na *educação* e como tende a tornar-se o *governo*, quer espiritual, quer mesmo temporal. Só as *fatalidades* naturais impedem a realização do semelhante ideal em relação aos corpos mortos e aos entes *vivos destituídos de sociabilidade*, como as plantas e os animais individualistas. Então a Humanidade tem que resignar-se a *destruir* para *construir*; a *oprimir* para *elevar*. Essa atitude não impede que imaginemos, então, que as pedras, os metais, as plantas, aceitam ou aceitariam como um benefício as violências de que se tornam objeto, para incorporar-se à *vida altruísta* que a Humanidade vai sistematizando por toda a parte. Da mesma sorte que as melhores almas aceitam com gratidão os *inevitáveis* sacrifícios próprios ou dos entes queridos, para o conseguimento do ideal altruísta.

***

Isto mostra que a *educação* não pode senão desenvolver as *aptidões inatas*, sem criar disposições que não existam, quer nos indivíduos, quer nos povos. Os santos e os gênios nascem com essas aptidões altruístas no máximo; e essas aptidões podem ser aproveitadas ou ficar perdidas, conforme as condições em que as pessoas se acham. Os órgãos altruístas, da mesma sorte que os órgãos intelectuais ou quaisquer outros, podem ser realizados mais ou menos profundamente.

A generalidade das pessoas nasce com os pendores altruístas e os demais órgãos proporcionados à existência social correspondente. Eis porque a convivência espontânea na sociedade constitui a base de toda educação, como vimos. Seria tão impossível tornar altruísta quem nasceu egoísta, como tornar vidente um cego radicalmente cego?

***

A evolução humana resume-se em desenvolver cada vez mais a subordinação espontânea do *egoísmo inato* ao *altruísmo* também *inato*. É nessa subordinação natural que resiste a *moralidade*. É nessa *subordinação espontânea* que se funda a sociedade; é essa subordinação crescente, o ponto de partida e o alimento de todos os progressos mentais e industriais, embora estejam eles expostos a ser profanados em insatisfações egoístas.

A simples noção de *número* é impossível em uma espécie animal, sem altruísmo *considerável*. Porque um ente sem altruísmo não pode conceber como *unidos* e, portanto, hierarquizados, os corpos e fenômenos realmente separados, conforme o supõe concepção *ordinal* e *cardinal* dos *números*. Um ente sem altruísmo também não pode imaginar como *coletividade* um corpo ou fenômeno realmente isolado, conforme se dá na concepção da *medida*. Por isso, também é só a partir das aves que se encontra à aptidão para a *contagem abstrata*, segundo a profunda observação de Jorge Leroy.

***

A *inateidade dos pendores altruístas* constitui, pois, o fundamento real de todas as esperanças regeneradoras, segundo a lei: "*o homem se agita e a Humanidade o conduz*". E esse ascendente irresistível da Humanidade decorre do incessante e crescente predomínio do Passado sobre o Futuro e o Presente, conforme a lei: "*os vivos são sempre e cada vez mais governados necessariamente pelos mortos*".

***

Dante, como todos os grandes homens, até que a evolução da Humanidade permitisse a construção da Religião da Humanidade, não podia atingir à concepção do *tipo definitivo* da supremacia do altruísmo. Seria tão descabido ficar no seu ideal moral e social, como ficar no seu ideal astronômico, por exemplo. Piedade para com todos mesmo para com os réprobos que têm de ficar no esquecimento; culto para com os beneméritos da Humanidade; eis as sugestões do Altruísmo.

***

É, pois, o mais crudelíssimo engano supor que *não basta ainda de lutas fratricidas*. Em plena Revolução Francesa, os seus dois mais eminentes representantes, Danton e Condorcet, sentiram e proclamaram que não se carecia mais de violências para o ascendente da *Fraternidade universal*. Danton legou à Posteridade esta apóstrofe: "*Antes cem vezes guilhotinado do que guilhotinador*" E Condorcet, perseguido, manifestou a sua grande alma nestes versos dirigidos à sua digna esposa (Dezembro de 1793):

Ils m'ont dit : choisis d'être répresseur ou victime.
J'ai embrassé les malheurs et les laissai les crimes[9].

***

Não existe mais, desde séculos, felizmente, só o dilema ou inação ou guerra. Pelo contrário, todas as manifestações do instinto guerreiro tornaram-se, a partir da Batalha de Lepanto - ganha por Dom João d'Áustria em 1571 - cada vez mais prejudiciais à Humanidade.

Sob o aspecto destruidor ou negativo, a Revolução Francesa limitou-se a consumar *às cegas* a ruína do regime católico feudal, ruína começada desde o décimo-quarto século. Essa ruína foi executada pelo *empirismo masculino* extraviado pela metafísica, servindo-se das ciências inferiores (matemática, astronomia, física e química) sobre o predomínio, despercebido ou confesso, dos pendores egoístas. Daí todas as desgraças sobre as quais ainda gemem o Ocidente e a Terra inteira. Sem esse predomínio do egoísmo metafísico, desde o regalismo e o protestantismo até o materialismo científico. Não teríamos tido a orgia militarista e materialista do qual é manifestação a

[9] Eles me disseram: escolhe ser opressor ou vítima. Abracei a desgraça e deixei-lhes os crimes.

atual catástrofe. Esse é, porém, o aspecto transitório e destruidor ou negativo da Revolução Francesa.

***

Sob o aspecto *construtor* ou *positivo*, que é *só o que constitui a verdadeira glória* da Revolução Francesa. Essa *Grande Crise* inaugurou definitivamente o ascendente sistemático do *Altruísmo*, desprendendo-o completamente das crenças teológicas e das fantasias metafísicas, conforme os votos dos enciclopedistas, resumidos na fórmula de Augusto Comte: "*reorganizar, sem Deus nem rei, pelo culto sistemático da Humanidade"*. É esse ascendente sistemático da fraternidade universal que continua a ser estorvado pelo cego prolongamento da metafísica revolucionária, fomentada cada vez mais pelos cientistas acadêmicos oficiais e extraoficiais.

***

O desconhecimento do *relativismo*, desconhecimento que estorva a Regeneração humana, pretendendo substituir a *multiplicidade* real das funções morais, pela quimérica *unidade egoísta*, constitui apenas o abominável desfecho das devastações do *absolutismo* metafísico na cultura científica.

Foi esse *absolutismo* inspirado pelos *pendores egoístas* - como o relativismo resultou do ascendente dos pendores altruístas - que acarretou as extravagâncias opostas do *materialismo* e do *espiritualismo metafísico*. Porque o *espiritualismo teológico* limitou-se a coordenar, pelas crenças sobrenaturais, a *existência social* e *moral*, conforme o empirismo popular, quer masculino quer feminino, permitiu então apanhar o conjunto da realidade em cada tempo e em cada lugar.

***

Esse *absolutismo* metafísico, pseudocientífico, *materialista* em uma palavra, é que pretende desconhecer a *multiplicidade real* das funções intelectuais, reduzindo tudo à sensação. É o mesmo *absolutismo* que se esforça por negar a *multiplicidade real* dos sentidos, reduzindo tudo verbalmente, já se vê, ao *tato*. É esse *absolutismo* que pretende negar a *variedade real* das espécies vitais irredutíveis, considerando fantasistamente os tipos existentes como transformações vagamente imaginadas de um ou vários tipos iniciais, surgidos do jogo cego das forças físico-químicas. É o mesmo *absolutismo* que pretende negar a *multiplicidade real* das substâncias, irredutíveis entre si pelos esforços humanos, apesar do número crescente de tais substâncias, substituindo essa *multiplicidade real* pela *unidade* falaciosa de uma *matéria* inatingível, da qual as substâncias simples seriam apenas modalidades. É esse mesmo *absolutismo* que pretende substituir a *multiplicidade real* dos atributos gerais (forma, peso, sabor, cheiro, calor, luz, som, eletricidade, magnetismo) pela *unidade* caótica de um fenômeno único. A *extensão* ou o *movimento*, de que as propriedades realmente verificadas seriam apenas as diversas *manifestações.*

***

É esse mesmo *absolutismo* que, apesar do reconhecimento hoje vulgar do duplo movimento da Terra, entretém-se em uma ociosa astronomia *sideral*, só razoável quando o conjunto dos astros era suposto um *Universo* solidário do qual o nosso planeta formava o centro, em vez da Terra a fazer parte de um *Mundo* humílimo, cujos elementos não nos poderão jamais ser conhecidos completamente, e cujas *leis* não poderão jamais ser verificadas fora do Sistema Solar.

É esse mesmo *absolutismo* que pretende substituir, a lenda ingênua da *Criação* teológica, peculiar à segunda infância e adolescência da Humanidade, por uma vã *cosmogonia* e uma vã *geogonia* pedantescas, não menos fictícias.

***

É esse mesmo *absolutismo* que desconhece os *múltiplos* fundamentos *experimentais* não só do cálculo e da geometria, mas mesmo da mecânica geral, pretendendo reduzir a matemática a ser puramente *dedutiva*; que ostenta tornar arbitrariamente matemáticos os fenômenos físicos mediante um éter imaginário; ao mesmo tempo que afirma idêntica transformação quanto aos fenômenos sociais e morais, com o intitulado *cálculo das probabilidades*, negação de toda a lei natural.

***

Assim procedendo, o espírito materialista, que se compraz em substituir *verbalmente* a *variedade real* dos fenômenos pela *unidade fantástica* do mais grosseiro. Impossibilita a inteligência de resolver o *único* problema mental que interessa à Humanidade. Porque, dado o *fatal relativismo* dos nossos conhecimentos, nada podemos e nada precisamos saber em *absoluto*. Só o que é acessível ao espírito humano é *conceber um mundo ideal representando o mundo real com o grau de aproximação exigido pelo conjunto das nossas necessidades morais, intelectuais e práticas*. E, para isso, o conjunto da revolução científica evidencia que a razão teórica deve limitar-se a prolongar a razão popular, instituindo, como o bom senso vulgar, por toda parte, a *hipótese mais simples e mais simpática, de acordo com o conjunto dos dados adquiridos*. Tal é o característico do espírito positivo, sempre real, útil, claro, preciso, orgânico, relativo e simpático.

***

Deixando-nos deduzir pelo *absolutismo* metafísico, tanto materialista como espiritualista, ficamos expostos aos arrastamentos nos vários *pendores egoístas*, e tornamo-nos incapazes de modificar, em proveito da Humanidade, quer a Terra, quer a sociedade e os indivíduos. Os horrores da guerra atual constituem a mais

cruel demonstração das devastações é que o *absolutismo materialista* é capaz de conduzir os governos e os povos. Sem as descobertas científicas, seriam impossíveis as modernas máquinas de morticínio e destruição. Mas essas máquinas só foram construídas pelo ascendente dos *pendores egoístas* a que o *absolutismo materialista* pretende reduzir a natureza humana. Sem o predomínio de tais pendores, exaltados pelo materialismo pseudocientífico como *únicos reconhecidos* em nossa constituição moral, não se chegaria à monstruosa pretensão de tudo esperar obter da *força bruta*, quer de um *indivíduo*, quer de milhares ou milhões de indivíduos, orgulhosos e desvanecidos com a sua cultura, mental e industrial, tanto pessoal como nacional. Desconhece-se assim, com a mais negra ingratidão, que a ciência em e a indústria não existiriam sem a *inateidade dos pendores altruístas*, cujos efeitos os nossos antepassados sistematizaram pelas crenças teológicas, atribuindo-os à graça divina.

***

Ao passo que, constatada a existência *inata* dos pendores altruístas, todas as manifestações egoístas, desde a cobiça até o orgulho e a vaidade - quer se trate da fraude, do roubo, do homicídio perpetrados por um indivíduo, quer se trate das revoluções e das guerras - cessam de ser títulos de glória. Em vez de estimulá-las, sente-se que cumpre acautelar-nos contra elas, a fim de evitar que elas comprometam a existência social e a existência moral.

***

Se o *Amor* é uma *força moral real*, como o calor, a luz, a eletricidade etc., são *forças físicas reais*, só nos resta descobrir as leis naturais que regem os pendores egoístas e os pendores altruístas, para atingir à felicidade ao alcance real da Humanidade, mediante a subordinação cada vez mais completa de tudo à *fraternidade universal*. E se o *Amor* não existisse *naturalmente*, não haveria a combinação capaz de o fazer *surgir*, a existência terrena estaria, enquanto durasse, votada a dominação da *força bruta*, sob o jugo do *egoísmo* servido por uma inteligência sempre rudimentar. Isto é, a Humanidade não existiria nem as famílias e as cidades.

***

Inspirado pelos pendores egoístas, o *absolutismo materialista* fomenta esses pendores e cria obstáculos imensos ao surto do altruísmo. Essas fantasias dominam a cultura teórica ocidental por toda parte, desde as mais afamadas academias das nações adiantadas até as mais humildes escolas primárias. E, como o prestígio teórico cabe doravante, de modo irrevogável, ao espírito científico, *é essa cultura científica materialista*, única aceita geralmente, que constitui a *origem atual de todas as desgraças humanas*. Os supostos autores principais dessas desgraças, tanto governantes como governados, são, pois, na *realidade*, agentes mais ou menos longínquo e acessórios das

referidas desgraças, que só serão evitadas depois que o *relativismo positivo* houver substituído o *absolutismo materialista*.

***

Felizmente, por uma benigna fatalidade, é da massa feminina, que provêm essencialmente as gerações humanas, as quais recebem também da massa feminina a educação fundamental. E as preocupações morais conservam e conservarão a massa feminina ao abrigo das maiores devastações do *absolutismo* metafísico. Tanto espiritualista como materialista, até que prevaleça a Religião da Humanidade. Por outro lado, a Religião da Humanidade já se achando constituída, a sua difusão aumenta continuamente, por mais lenta que seja essa difusão. Isto patenteia que, através dos cataclismos políticos ainda reservados porventura à Humanidade, a regeneração social está assegurada, em futuro mais ou menos próximo.

Não podendo dispensar uma doutrina para coordenar as inspirações altruístas, a massa feminina permanece e permanecerá apegada, no Ocidente, ao Catolicismo, e aos seus fragmentos protestantes.

***

Apresentando essas considerações, não pretendemos entreter qualquer discussão: desejamos unicamente chamar a atenção, dos que as lerem, para a obra de Augusto Comte. Não cessaremos de repetir: seria totalmente descabida de nossa parte a presunção de persuadir ou convencer pessoas que não o forem mediante a leitura meditada das obras de nosso Mestre. Terminando, devemos dissipar algumas das objeções sobre a nossa coerência.

***

O dever do apóstolo de uma doutrina, enquanto não encontra entre seus contemporâneos o apoio material necessário à propaganda, é exercer alguma das funções sociais ao seu alcance e compatíveis com a sua doutrina, foi assim que procedeu o Apostolado Positivista do Brasil.

***

É-nos lícito adquirir os escritos e documentos quaisquer que julgarmos necessários para conhecer os sentimentos, as opiniões, e os atos ou projetos dos nossos contemporâneos, a fim de habilitar-nos a ter para com eles a conduta que uma sincera fraternidade nos prescreve. Assim procedendo, não ficamos todavia isentos do juízo sobre os móveis reais dos nossos atos, como em qualquer outro caso. Pois toda a leitura de mera curiosidade, sem utilidade social ou moral, constitui uma ação reprovada pela Moral positiva. *Não há nada indiferente perante o sentimento*. As circunstâncias poderiam, pois, levar-nos a ler qualquer periódico ou livro, ou adquirido por nós mesmos ou cedido por

outrem, como aconteceu com os escritos de Kropotkin. Mas não nos era lícito contribuir sistematicamente para a propaganda de doutrinas que acreditamos contrárias à regeneração humana. Restituímos o primeiro número de *A Vida* em cumprimento da advertência feita nesta, conforme explicamos. Expusemos acima os motivos pelos quais é nosso dever para contribuir para a sustentação do culto católico, quando os governos tiverem cessado de subsidiá-lo.

***

Quanto às greves, nada dissemos em contrário aos ensinos de Augusto Comte. Nosso Mestre não reconhece *direito* de espécie alguma em ninguém, e sim *deveres*. Isto posto, Augusto Comte admite as greves como um *recurso extremo* em casos excepcionalíssimos, pela razão de que não podemos sempre fazer o bem e estamos infelizmente obrigados a resignar-nos, muitas vezes *ao menor dos males*.

***

Oxalá possam essas reflexões induzir os que as lerem a meditar as obras de Augusto Comte. Anima-nos então a esperança que reconhecerão que só o livre ascendente social, isto é *pacífico*, da Religião da Humanidade, pode assegurar a regeneração humana.

Rio, 8 de Aristóteles de 61/127. (5 de março de 1915).

ANEXO

(Vista do Altar-mor do Templo da Humanidade, no Rio de Janeiro.)

APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL
TEMPLO DA HUMANIDADE

O Amor por princípio, e a Ordem por base,
o Progresso por fim.

Ordem e Progresso. Viver para outrem. Viver às claras.

Rio de Janeiro, 4 de Bichat de 60/126
6 de dezembro de 1914
Cidadão *Francisco Viotti*,
Redator do periódico "*A Vida*"
Rio de Janeiro.
Rua da Uruguaiana nº 114 (sob.),

Prezado concidadão e irmão na Humanidade,

Recebemos na quinta-feira, 3 de dezembro corrente, o número 1 do vosso periódico *A Vida*. E, à vista da primeira advertência do verso da capa, sentimos dizer-vos que não nos é lícito auxiliar a vossa propaganda, pelos motivos seguintes.

A natureza humana compondo-se de pendores egoístas e de propensões altruístas, a fraternidade - que resulta das propensões altruístas - leva-nos a reconhecer que todos os membros da espécie humana, e mesmo das outras espécies animais sociáveis ligadas à nossa, são irmãos em graus diversos de irmandade e, portanto, de intimidade. Desde então, é dever nosso procurar conhecer, com real simpatia pelas pessoas e coletividades os sentimentos, pensamentos e atos dessas pessoas e coletividades. Não só a fim de contribuir, quanto em nós estiver, para a persistência e o desenvolvimento do que for altruísta, mas também a fim de contribuir, quanto em nós estiver, para dissipar as perturbações quaisquer causadas ao altruísmo, voluntária ou involuntariamente. A fraternidade não consente, pois que concorramos para a persistência e o desenvolvimento de sentimentos, pensamentos e atos que um exame conveniente da natureza humana, individual e coletiva, segundo os mais devotados e esclarecidos representantes da Humanidade em todos os tempos, em todos os lugares, demonstra resultarem dos extravios devidos aos fatais pendores egoístas.

Ora, há muitos anos que conhecemos a propaganda anarquista através dos escritos de Kropotkin. Já então tínhamos tido a ventura de achar-nos convertido à Religião da Humanidade, fundada por Augusto Comte, sob a inspiração de Clotilde de Vaux. E de consagrar-nos à sua vulgarização. De sorte que nos foi possível verificar, com sincero pesar, que a doutrina anarquista constitui mais uma cruel ilusão da metafísica democrática; extraviando os nossos irmãos, quer os que exercem funções industriais, quer os que pertencem às classes letradas. De acordo com essa convicção, nos temos esforçado até hoje por dissipar semelhante ilusão nas pessoas com as quais as eventualidades da vida nos têm posto em relação, indicando-lhes a solução científica da questão social, segundo os ensinos em que Augusto Comte resumiu o saber secular da Humanidade.

Cremos que o que precede basta para mostrar-vos que, inspirando-nos na mais leal fraternidade, não nos é lícito assinar a vossa revista, embora a aceitássemos como um sinal de cordiais relações entre vós e nós, através das divergências doutrinárias e práticas que infelizmente nos separam. De conformidade, pois, com a vossa advertência, vos restituímos o exemplar que tivestes a benevolência de dirigir-nos. Pedimos outrossim, que aceiteis como sinal de fraternidade as publicações da Igreja Positivista do Brasil que recebereis com esta carta, e as publicações que posteriormente vos remeteremos. Entre aquelas encontrareis um catálogo que vos permitirá indicar-nos qualquer outra das publicações da mesma igreja que desejardes e que desde já vos pedimos que aceiteis.

Tendo este ensejo de escrever-vos, falharíamos ao nosso dever de fraternidade se não vos ponderássemos, a propósito da figura simbólica da capa do vosso periódico, que tudo quanto a Humanidade até hoje conseguiu de virtude, de poesia, de filosofia, de ciência e de indústria foi obra exclusiva do Amor. Tudo isso foi obtido *apesar dos pendores egoístas*, a Humanidade, graças ao Amor, tirando frequentemente o bem do próprio mal que o Amor não possa evitar. Basta de lutas fratricidas, não só por atos, mas sobretudo por sentimentos e mesmo por imagens e sinais. A maior das revoluções sociais - a abolição da escravidão - foi obtida na Idade Média sem uma única insurreição, porque então a doutrina de Amor fundada por São Paulo estava unanimemente aceita. Assim a representação de *qualquer das cenas reais* da vida industrial comum, em que a família proletária colabora para o predomínio habitual do Amor através dos maiores sacrifícios, altruistamente, sofridos sobretudo pelas Mulheres, teria uma eficácia edificante. Ao passo que a *cena imaginária* da capa do vosso periódico constitui fatalmente um alimento para as paixões fratricidas. Como disse Madame de Staël: "*Na vida não há nada real senão amar*".

Terminando, cumpre informar-vos que fostes injusto com o nosso confrade, engenheiro Trajano de Medeiros, a quem temos a felicidade de conhecer desde o tempo em que ele veio matricular-se na Escola Politécnica do Rio e tomou-nos para seu explicador de Matemática. Convertido em breve à Religião da Humanidade, podemos assegurar-vos que, na sua carreira industrial, como na sua vida privada, ele se tem sinceramente esforçado por contribuir para a *incorporação do proletariado na sociedade moderna*. Segundo os exemplos e os ensinos de Augusto Comte. Sem dúvida, Trajano de Medeiros tem tido imperfeições e erros (quem não os tem?) agravados pelo nosso tempestuoso Presente, imperfeições e erros que ele lamenta lealmente. Mas não hesitamos em afirmar que a generalidade dos proletários que têm trabalhado e trabalham sob a direção dele atestará a sinceridade com que ele se tem esforçado por cumprir os ditames de Augusto Comte.

O Positivismo constitui, como todas as concepções científicas, desde a Matemática, *uma doutrina inalterável superior em seus órgãos quaisquer*. Segundo tal doutrina, tudo em nós pertence à Humanidade, porque tudo nos vem dela, vida, fortuna, talento, instrução, ternura, energia etc. Nós somos, pois, apenas *depositários* moralmente responsáveis de *tudo* o que *possuímos* individualmente. Assim, quanto ao *capital material* (provisões, instrumentos de trabalho e moeda, nas suas mais diversas formas), o mais humilde mendigo é apenas *depositário* dos *seus* andrajos e das esmolas que lhe dão, como o mais opulento milionário é apenas *depositário* da *sua* riqueza. *Todos* (*ricos e pobres*)

estão *moralmente* obrigados a *empregar socialmente*, isto é, em benefício da Humanidade, a parcela do capital humano - mínima ou imensa, pouco importa - que por acaso se ache sob a *sua guarda*. Isto posto, é fácil de reconhecer que o confronto altruísta das diversas existências humanas verificará, às vezes, que um milionário terá *prejudicado* menos a Humanidade com o *emprego egoísta* dos seus milhões do que um proletário, mesmo mendigo, com o *emprego egoísta* dos *seus* minguados haveres. Os maiores santos sempre desconfiaram de si mesmos, em meio de sua abnegação e seu devotamento habituais. "*Não há nada mais difícil do que conhecer se a si mesmo*", dizia Tales, continuando dignamente a sabedoria teocrática. Quem, pois, pode gabar-se de *só consumir o estrito necessário* da parcela qualquer do capital humano que lhe houver cabido, por sorte, *guardar e empregar*? Quem pode gabar-se de haver dado um *destino realmente social*, isto é, em bem da Humanidade, mesmo ao *pão* que houver consumido para uma vida sóbria. O essencial não é *viver* e *fazer viver*, e sim *viver para outrem* e contribuir, quanto em si couber, para fazer *viver para outrem*. E só tomando para critério supremo o Amor em tudo e por tudo, ficaremos habilitados a ter consciência de *aproximar-nos* incessantemente desse ideal moral.

Assim, por exemplo, não há sofisma que impeça de reconhecer que uma *greve* é sempre um *mal* causado à Humanidade, pois que então os pendores egoístas acham seus acerbadas nos proletários como nos patrões e no conjunto do público, além de que é *lesado o capital da Humanidade* - confiado na realidade à guarda do proletariado e dos patrões, deixando o proletário de *produzir* e continuando, entretanto, a *consumir*. A objeção tirada das *culpas dos patrões* -supondo que as culpas alegadas sejam reais - não altera a *culpa* do proletário que recusa-se a trabalhar. *Cumpre com o seu dever suceda o que suceder*, eis a máxima dos nossos cavalheirescos antepassados, inspirados pelo mais sublime altruísmo. Sejam quais forem as culpas, os erros dos nossos irmãos, o nosso dever insofismável consiste em dar a todos *o exemplo contínuo de todas as virtudes* que a Humanidade houver posto ao nosso alcance, sofrendo o mesmo martírio, se for preciso. Como dizia Clotilde de Vaux, "*os maus precisam, muitas vezes, mais de piedade do que os bons*". Em suma, hoje, mais do que nunca, *só carecemos de Amor, mais Amor, e sempre Amor*, para conseguir o termo das desgraças humanas.

Adotando francamente, desde a mocidade, tal doutrina, Trajano de Medeiros oferece aos nossos contemporâneos quaisquer, especialmente aos nossos irmãos planetários, um critério irrecusável para todas as reclamações deles. Estamos convencidos que Trajano de Medeiros não recusará a compensar dignamente os erros e culpas que lhe apontarem e procurará reparar realmente esses erros e essas culpas, aceitando com profunda gratidão, o concurso que lhe prestarem para o cumprimento, cada vez melhor, da missão de chefe industrial positivista em que as circunstâncias sociais o colocaram.

Todo vosso, no Amor, na fé e no serviço da Humanidade.

Raimundo Teixeira Mendes.

Templo da Humanidade.

Rua Benjamin Constant, 74.

Nota: esta carta foi publicada no nº 2 de *A Vida*, a 31 de dezembro de 1914, periódico anarquista do Rio de Janeiro.